

BRASIL — RIO GRANDE DO NORTE — MOSSORÓ

**B
O
L
E
T
I
M**

Ano IV

Número 41

31 de Outubro de 1951



DIREÇÃO DE

ASSIS SILVA
e ROMEU REBOUÇAS

Bibliográfico

Orgão mensal da Biblioteca Pública Municipal de Mossoró
e do Museu Municipal de Mossoró

Criados e Instalados pelo Prefeito DIX-SEPT ROSADO
5 de Abril e 30 de Setembro de 1948

O Nordeste - Mossoró

Rua Cel. Vicente Saboia, 11/17

Maio de 1952

BRASIL — RIO GRANDE DO NORTE — MOSSORÓ

**B
O
L
E
T
I
M**

Ano IV
Número 41
31 de Outubro de 1951

BIBLIOTECA
— DO —
INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO
do Rio Grande do Norte

DIREÇÃO DE { ASSIS SILVA
e ROMEU REBOUÇAS

Bibliográfico

Orgão mensal da Biblioteca Pública Municipal de Mossoró
e do Museu Municipal de Mossoró

Criados e Instalados pelo Prefeito DIX-SEPT ROSADO
5 de Abril e 30 de Setembro de 1948

O Nordeste - Mossoró
Rua Cel. Vicente Saboia, 11/17
Maio de 1952

Instituto Histórico e
Geográfico do Rio
Grande do Norte

No. Reg. 5170

B
O
L
E
T
I
M

Bibliográfico

O Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte
publica este Boletim em homenagem ao
centenário da fundação da cidade de Natal em 1908.

O QUE DISSERAM DA TERRA E DA GENTE DE SANTA LUZIA DO MOSSORÓ **UM COLEGIO FAZ 50 ANOS**

Américo de OLIVEIRA COSTA

(Discurso proferido no Cine-Teatro "PAX", em Mossoró, a 15-10-51, na solenidade de encerramento das comemorações pelo transcurso do cinquentenário do Ginásio Diocesano "SANTA LUZIA")

— Bem avalia a profunda emoção com que participo das solenidades pelo transcurso do cinquentenário do nosso Ginásio. E não é, certamente sem secreta lisonja, que me sucede falar num instante como êste, tão numeroso e diverso nas suas sugestões e nas suas ressonâncias, muitas delas particularmente sensíveis ao meu espírito e ao meu coração. Agradêço, desde já, a honra e a generosidade do convite que aqui me trouxe, e que, assim, me permitiu êste raro e inefável encontro com o país do passado, na tentativa de rearticulação de algumas das suas fronteiras superadas pelo tempo e pelo espaço. Aqui venho, sobretudo, como numa peregrinação sentimental, a procurar refazer, pela memória e pela imaginação, idos ou vividos acontecimentos antigas historias, decompostas paisagens, esquecidos roteiros.

Sempre foi característico da Igreja certa penetração psicológica, que a faz ver longe e antecipadamente, que lhe confêre uma espécie de estratégia divinatória, na sua coerente função apostólica e educativa na sua dupla missão terrena e espiritual.

Esse dom premonitório há sido largamente verificado, na marcha do tempo e nas páginas da história, em intuições posteriormente comprovadas, em coincidencias, apenas superficialmente aparentes, de causa e efeito.

Ao escolher Mossoró, no início do século, como séde para instalação de um estabelecimento de ensino, deveria estar convicto dom Aduino Aurélio de Miranda Henriques, então bispo da Paraíba, da importância social e econômica da zona, do círculo de atração e confluencias que ela representava para a ampla região em derredor. Distanciada da capital do Estado, a cidade crescia e consolidava-se em esforço, tenacidade, vontade criadora, território denso de atributos e resistências cívicas, polarizando as atividades e os desenvolvimentos da sua área geográfica e cultural, que abrangia não só parte do Rio Grande do Norte como núcleos ponderáveis da Paraíba e do Ceará. O porto próximo lhe significava, apesar das dificuldades que ainda agora persistem, a oportunidade de um escoadouro natural, caminho aberto

ao comercio com o sul e o proprio estrangeiro. E se a terra refletia a natureza áspera do sertão periodicamente batida pela inclemencia da sêca, a gente era hospitaleira e saudavel, enérgica e irredenta, condição permanente, aliás, de sua psicologia social,— e sempre encontrando, por admiravel convergencia da fortuna, nos seus anseios de florescimento e através das sucessivas gerações homens que lhe encarnassem e liderassem o sentimento e a vontade. Vossas ruas e praças e avenidas guardam-lhes os nomes inesqueciveis, simbolos de épocas ou de movimentos, tocados não raro de tons de legenda e epopéia, como a campanha libertadora de 30 de Setembro de 1883. Tinha, evidentemente, a vocação de plantador de escolas de semeador do espirito, o bispo da Paraíba. Nada menos de treze foi o numero de seminarios, escolas e ginásios que ele fundou nos seus dominios episcopais, dentre essas instituições tambem o natalense Colegio Santo Antonio Por duas vezes, em 1900 a 1902, esteve em Mossoró, em visitas pastorais e a idéia do nosso Colegio lhe deve ter ocorrido ou fixado na primeira dessas excursões.

Fundado a 2 de março de 1901, sob a invocação da Santa padroeira da Cidade, foi primeiro diretor do Colegio Diocesano o conego Estevam Dantas, sacerdote de excelentes virtudes de humanista e letrado e que tanto se distinguira nos entevares da aventura abolicionista. Administrou-o durante cinco anos. Em 1908, após as direções do padre Lucena Sampaio (1906) e do padre Pedro Paulino (1907), quando começaram a surgir os primeiros impecilhos, fechou-se o estabelecimento

Cerca de quatro anos passou o Colegio inativo. Transformações de comando espiritual haviam, porem, se processado nesse interregno. O Rio Grande do Norte, em 1909, desligava-se, em parte, da subordinação hierárquica religiosa à provincia da Paraíba. Havia sido criada a diocese de Natal o Colégio passou a sua jurisdição e, assim, em 1912, ponde dom Joaquim de Almeida, primeiro bispo natalense, mandar abrir-lhe as portas. Dois sacerdotes foram incumbidos dessa tarefa recuperadora, freis André de Araújo e João Batista de Moraes. Começava a sua segunda fase. De 1913 a 1917, dirigiram-no os padres Manuel Barrêto e Ulisses Maranhão, de 1918 a 1922, os padres Manuel da Costa e Manuel Gadêlha. A gestão do padre Barrêto restaurou-lhe o prestigio moral e a ação disciplinar, ao lado da melhoria das suas condições materiais de funcionamento.

Nova crise em 22, paralização dos cursos, reabertura em 24, terceira fase.

Dom José Pereira Alves, então bispo de Natal, cujo sólio diocesano iluminava com o fulgôr de uma impressionante eloquencia, nomeia o padre Barreto para, mais uma vez, dirigir o Colégio. Data desses anos de 20,— e perdoai-me que o «odioso»

eu *pascaliano* assim se manifeste,—data daí, repito, o meu encontro pessoal com o Colégio. Não nascera em Mossoró, mas para aqui viêra menino, aqui entrára pela adolescência, integrado no vosso ambiente moral e espiritual, como se fôsse um próprio nativo da terra. Macáu ficara distante, demarcada nas lindes da infância, novos horizontes se haviam aberto ao jovem emigrado, horizontes que agora o retinham nas suas fronteiras e lhe modelavam a inteligência o carater, a sensibilidade. «Os dados são lançados aos vinte anos», anotou François Mauriac, nas palavras de abertura de seu «Journal d'un homme de trente ans». Em realidade, aqui e àquela época, decidia-se, na roda do tempo, o destino de uma geração, da qual participava, a geração que então tinha vinte anos.

Em 1927, é a vez do cônego Amancio Ramalho, prosseguida até 1935. Atingimos, com a chefia do mestre admirável, à fase brilhante do Colégio. Renova-se o predio, amplia-se de proporções. Em 1932, verifica-se a sua equiparação ao Predio II, elevando-se à categoria de Ginásio. Não apenas sôb êsse prisma material progride a instituição. Sob índices intelectuais, projeta-se o nome do Ginásio, rodeado pela solidariedade e pela simpatia coletiva. O Cônego Amancio Ramalho tivera dias difíceis a enfrentar, decorrentes de circunstancias melancólicas, que não vêm ao caso recordar, porém de tal maneira o Colégio se incorporara substancialmente ao organismo mossoroense que lhe era uma espécie de colina sagrada orguiho e expressão de nobreza da civitas. Definindo-lhe, certa vez, o relevo na paisagem social de Mossoró, assim escreveu o meu querido e inesquecível companheiro Mário Negócio de Almeida e Silva:— «No plano espiritual, o Ginásio Diocesano Santa Luzia terá sido fator decisivo da sobrevivencia de Mossoró como cidade inconformada e progressista,—da sua vontade extraordinária de recuperar-se, em todos os sentidos, e de escrever, com valor e decisão, a página mais palpitante de sua história politica. Sem o velho educandário da Praça da Matriz, Mossoró não passaria de uma cidade sem alma. De um povo sem ideal, sem ambições e sem rumos. Um simples agrupamento humano, amórfo, decadente, a viver da lembrança entorpecente, de um antigo fastúgio, de que já desfrutara, como o centro mais importante do interior nordestino.

Mas, o Ginásio—êsse viveiro de inteligencia, não desertou da grande batalha e os seus frutos hoje se colhem na geração que domina a cidade e faz dos problemas e percalços citadinos o objetivo principal dos seus pendores políticos»

Em 1935, com a ida do cônego Amancio Ramalho para a direção do Departamento de Educação do Estado, sucede-o o padre Jorge O'Grady de Paiva. Sob a orientação eficiente e esclarecida do jovem homem de Deus, prossegue o Ginásio no mes-

mo nível. O Padre Jorge tem pulso firme e espírito vigilante.

No ano seguinte, em 1936, a 26 de abril, dom Jaime de Barros Câmara toma posse do bispado de Mossoró, criado em 1934. Fôra eleito a 19 de dezembro de 1935, e sagrado a 2 de fevereiro de 1936.

Padre Jorge continúa diretor, dando ao Ginásio esforço e zelo abnegados, projetando-lhe a presença direta em outros centros do Estado, como Caraúbas, Caicó e Areia Branca, através de excursões pedagógicas. Também sôb o aspecto material, sua ação se fez sentir, inclusive no aparelhamento necessário ao ensino de educação física.

O ano de 1944 traz para Mossoró novo chefe espiritual; dom João Batista Portocarrero Costa, de ilustre linhagem pernambucana, mantida e apurada, em sua excelência reverendíssima, nas suas nobres categorias de espírito, cultura e sensibilidade. Dom Jaime Camara, antes elevado ao arcebisado do Pará, ascendera, afinal, a esse tempo, à cátedra metropolitana do Rio de Janeiro e ao cardinalato, postos que honra e dignifica com as suas altas virtudes apostólicas.

Padre Jorge transfere-se, então para o Rio. Estamos ainda em 1944, o padre Gentil Barrêto, nomeado por dom Costa, conduz para o Ginásio novo surto de operosidade. Em meados de 1945, o diretor é o padre Francisco Sales Cavalcanti, dentre cujas iniciativas de mérito está o começo da construção do novo edifício do Ginásio.

Atualmente, sob a responsabilidade dos padres da Congregação do Sagrado Coração de Jesus, o Ginásio reafirma-se e renova-se na sua fisionomia, na sua trajetória, na sua expansão. Após o período administrativo do padre Cornélio Wokke, e sob o comando do padre Miguel Dankers, pleno das melhores e simpáticas virtudes de trabalho, tenacidade e otimismo confiante de sua boa raça holandesa.—com a colaboração dos padres Gabriel Guimarães Silva, André Maria e José Gusmão Barbosa, ei-lo penetrando os pórticos de nova idade, seguro de suas finalidades e de sua vocação de servir.

Em «Commencements d'une vie», assim confessa Mauriac, voltando-se para a lembrança do Colégio onde estudou: «Do menino que eu fui, continuarei a seguir os passos nos corredores de ladrilhos brancos e pretos do Grand-Lebrun, êsse colégio submerso no fundo do meu passado, mundo minúsculo onde durante anos vivi antecipadamente minha vida de homem, onde joguei com os modelos reduzidos de minhas paixões futuras».

Essa emoção é a que ocorre igual e naturalmente, a cada um de nós, quando nos acontece o retorno proustiano às origens da formação intelectual.

Haverá sempre um colégio no nosso itinerário, estaremos

sempre ligados a uma escola e, através dela, tanto a uma geração como ao espírito de uma época e a uma cidade. Ali fomos conhecer o mundo, como o pequeno personagem inquieto de Raul Pompeia. Ali fomos fazer a aprendizagem da vida, em algumas de suas expressões definitivas, marcadas, por esse signo pelo resto da existência, o nosso comportamento social e a nossa compreensão humana, em projeções, influências, reflexos, atitudes. Quero citar-vos, a êsse respeito, um curioso caso contado por Mário de Andrade, numa conferência de dezembro de 1940 intitulada «A expressão musical dos Estados Unidos». O criador de Macunaima procura documentar, nêsse trabalho, sua tésede eternidade da música, aproximando criaturas que se não conhecem, mas se podem, de repente, saber amigas e afins, apesar de todas as distâncias da terra e das diferenças pessoais. Esse caso testemunha, porém, igualmente, e de modo perfeito, aquela inapagável presença de uma escola na vida de cada um de nós. Eis o que conta Mário de Andrade: «—Nunca ne esquecerei da cena admiravelmente humana que presenciei em Iquitos no Perú, plena selva americana. Viajava comigo um americano de comércio, cheio de dólares e pesquisas de fibras nativas para uma companhia de cordas. Algumas horas antes da partida do navio estávamos ambos no cais flutuante de Iquitos observando o embarque da carga quando vi o meu americano puxar conversa com um homem muito louro e nada peruano, de aparência pobre e gasta pela vida. Desinteressei-me dêles e continuava observando o embarque da carga, quando, com grande espanto nosso, os dois homens se abraçam com enormes risadas, um faz um gesto de atenção ao outro e ambos entôam uma canção. E foi com abraços e cantórias de não acabar mais que os dois homens se dirigiram para a cidade. Só no último instante da partida é que o meu companheiro de viagem chegou. Vinha, está claro, sempre com o amigo novo, de braços dados, cantando sempre e maravilhosamente bêbados. Despediram-se; e era o rico americano de bordo que tinha lágrimas enquanto o pobre do cais olhava o amigo ao mesmo tempo novo e tradicional que partia, iluminando o rosto com um riso extasiado. E cantavam ainda, enquanto o navio se desligava do cais. Só aquele dia tinham se conhecido os dois homens, mas ambos tinham estudado em Harvard e cantado suas canções eternas».

Ambos tinham estudado em Harvard., concluiu Mário de Andrade. E a esta altura é que me envolve a sugestão da memória dos mestres e companheiros, in illo tempore, na década de 20 e 30. Muitos daquela época aqui estamos, convocados para esta cerimônia que tem um sentido quase litúrgico.

Penso nos mestres, com gratidão e reconhecimento, e num dêles, o professor Manuel João Evangelista, velho e querido

professor, grande e numeroso nas perspectivas de sua modestia e de sua humildade provincianas, reúno as lembranças e as evocações dispersas. Imagino os grupos de alunos antigos ou contemporâneos, sucedendo-nos uns aos outros, à sombra dos longos pateos ou das enormes tamarineiras, as aulas, os passeios, os jogos, os serões estudiosos. E nestas alusões, lógico que não poderia ser exclusivista nem parcial. Antes, o que faço é reenviar cada um ao seu tempo, aos seus professores, aos seus companheiros, soltas as rédeas da memória ao vento do passado.

Somos todos homens, hoje, os da minha época, estigmatizados pelo sêlo da maturidade, e a vida nos separou os caminhos, os interesses, os destinos. Mas nos homens completos, realizados, finitos, que somos, segundo as dimensões do conceito papiniano, os adolescentes não são irrecuperáveis, quando se verificam momentos como este, de regresso, mesmo provisório e efemero, à acolhedora Casa Comum. Nem há desfigurações e sim, apenas transfigurações.

Dessas transfigurações, algumas, é verdade, se processaram no sentido do eterno. Todas as estradas contêm cruzeiros nas margens, mesmo que os seus braços tristes se abram somente na recordação e na saudade.

Resumo em três os mortos de minha geração no Colégio Santa Luzia: Carlos da Costa Oliveira, Mário Negócio de Almeida e Silva, Jerônimo Dix-sept Rosado Maia. Carlos Costa, Mário, Dix-sept, chamêmo-los assim, pelos nomes amigos e habituais.

Carlos Costa, temperamento vibrátil, inteligência paciente e investigadora, alto e magro, tinha certo ar doentio de convalescente: retivera-se nos limites de atividades privadas.

Mário e Dix-sept haviam enveredado pela vida pública, atraídos por uma incoercível paixão de servir à terra comum.

Juntos venceram e juntos haviam ido para o governo, identificados e completados nas aspirações e na confiança que em si mesmos depositavam. Mário era o próprio exemplo do esforço pessoal construindo-se ao contacto da adversidade. Dix-sept tornara-se um capitão de indústria, um líder nato, marchando na crista das esperanças populares. O senso jurídico, a correção de atitudes, a seriedade de propósitos, a consciencia moral de um articulavam-se na capacidade de ação, na generosidade cavalheiresca, na dignidade pessoal, na energia de comando do companheiro, contagiante de idealismo e de espirito público.

Honra da minha geração, êles constituem a prova de que não falhámos, de que tínhamos um papel a desempenhar, quando chegasse a nossa vez, de que não fomos uma geração perdida.

Mortos, hoje,—não estão realmente mortos, como na afirmação categórica de D. H. Lawrence. Do outro lado da vida, êles

nos vêm agir e nos assistem... Em advertências, analogias, testemunhos, experiências.

Na noite de 2 de março deste ano, vários antigos alunos do Ginásio, integrantes de diferentes turmas e períodos, nos reunimos num jantar em Natal, por iniciativa de Mário e com a presença do Cônego Amancio Ramalho, nosso convidado especial, e em cuja pessoa homenageávamos e recordávamos diretores e mestres do passado.

Ambos tomaram partes no jantar, efusivos, cordiais, fraternos. Lembro o discurso de Mário, a acentuar as lutas de sua condição de estudante pobre e a sua dívida de gratidão para com o Ginásio. Lembro Dix-sept, comovido e feliz, quando o cônego Ramalho ressaltou a ajuda inestimável e desinteressada que lhe déra Jerônimo Rosado, no instante delicado em que iniciou a tarefa de reerguer psicológica e materialmente o prestígio do educandário.

Estes cinquenta anos decorridos, significam, assim, um currículo proveitoso à educação e à cultura nordestinas.

Partidos, dia após dia, e distribuídos, cá fóra, pelos diversos rumos da existência, nas profissões liberais, na carreira das armas, na administração, na política, no comércio, na indústria, no sacerdócio, quantos não estaremos em condição de repetir a confissão de Andre Maurois, falando aos jovens estudantes do Liceu de Rouen, de onde fóra aluno: "A experiência me ensinou que, no curso da vida, tudo que me foi mais útil eu o havia adquirido nesta casa, e em vossa idade!"

Pode o Ginásio Diocesano Santa Luzia, hoje e por isso mesmo, enobrecer-se de sua história e de suas atividades, história que é uma mensagem de estímulo e confiança, transpondo precariedades e obstáculos, avançando e iluminando os planos do futuro.

Em nosso Estado, êste é, realmente, um dos lugares onde sópra o Espírito, nas suas emanações misteriosas e mortais, sob as bençãos de Deus.



MEMORIA JUSTIFICATIVA DOS ESTUDOS DO AÇUDE "CANTO DA LAGOA" NO RIO UPANEMA, MUNICIPIO DE MOSSORÓ ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE

Dr. Pedro CIARLINI

Desde 1903 a população do municipio de Mossoró, vem se empenhando para obter da Inspetoria de Obras Contra as Secas a construção de um açude no vale do Rio Upanema e para este fim a mesma Inspectoria mandou por varias vezes proceder a estudos parciais, sendo que em 1916 foram feitos estudos mais completos pelo Engenheiro Guilherme Browne que efetuou o levantamento topografico do vale do Rio Upanema a partir do local denominado «Taboleiro Grande» 30 quilometros rio acima até o lugar chamado «S. Maria».

Por esses estudos verificou-se existir uma grande bacia de captação, porem, os diversos locais indicados para construção da barragem não apresentaram condições apropriadas quer sob o ponto de vista tecnico quer economico.

Tendo porem o Sr. Presidente da Intendencia de Mossoró, Jeronimo Rosado, indicado um novo local a cerca de 800 metros para montante do local estudado no Taboleiro Grande como sendo apropriado a construção de uma barragem de altura conveniente, mandou esta Inspetoria que eu procedesse aos devidos estudos autorisando-me pelo telegrama n 129 de 16 de maio do corrente ano, para que de vez ficasse reconhecida a possibilidade ou não da construção do dito açude

De acordo pois com as indicações que me foram fornecidas pelo Snr. Presidente da Intendencia de Mossoró, iniciei os estudos no dia 19 de maio do corrente ano; correndo uma linha de estudo no local da barragem partindo de um ponto elevado n'um alto que margeia uma varzea chamada «Canto da Lagoa» e que fica distante da margem esquerda do Rio Upanema, 1100 metros, ponto este que considerei como estaca 0 e cuja côta arbitraria é 100, como se vê do desenho junto e segue até a estaca 150 ou 3000 metros de extensão.

Secionada esta linha de 10 em 10 metros com transversais de 100 metros para cada lado e desenhado o respectivo plano cotado, verifiquei que de acordo com a topografia obtida o local mais apropriado para sangradouro seria entre as estacas 70 e 90, dependendo a aceitação ou recusa daste local de profundidade em que fosse encontrada a rocha.

Procedi pois as respectivas sondagens verificando que a rocha se encontra em toda aquela extensão e bem assim a

montante e a jusante da linha de estudo, numa profundidade media de um metro permitindo um sangradouro, diremos quasi natural, na cota 95 com a barragem a cota 97 e no caso de se querer elevar a barragem a cota 100, seria possivel elevar a soleira do sangradouro a cota 98 mediante a construção de um vertedouro de 3 metros de altura media.

Tendo assim em vista a possibilidade dos dois casos, isso é; da barragem a cota 97 e da barragem a cota 100, procedi as sondagens em toda a extensão da linha de estudo numa faixa de largura conveniente e de acordo com as instruções dadas por essa Inspetoria.

Como se vê do desenho será necessario construir duas barragens, uma que chamaremos principal, barranto o rio nos dois canais e outra, auxiliar atravessando a varzea denominada «Canto da Lagoa» sendo esta mais comprida porem menos elevada do que a principal.

Pelas sondagens feitas verifica-se que em toda a extensão se encontra material apropriado para a fundação de barragens de terra, sendo que nos altos encontra-se ora a piçarra a profundidade que varia entre 0,50 a 2,00 metros, ora uma camada de barro silico-argiloso muito compacto nas mesmas profundidades, e nas varzeas o leito do rio encontra-se numa profundidade que varia entre 2 metros e 4,00m. uma camada de argila mui consistente conhecida aqui vulgarmente sob o nome de «Salão».

De todos estes materiais envio as respectivas amostras.

Quanto ao material necessario a confecção das barragens encontra-se em diversos pontos como sejam: no local do sangradouro aonde existe uma camada de barro vermelho de 1 metro de espessura que poderá ser empregado na barragem auxiliar ficando assim o transporte na distancia media de 1.200 metros devido ao comprimento da barragem e, para a barragem principal encontra-se material em abundancia na hombreira direita a distancia media de 1.000 metros.

De acordo com estes estudos é que organizei um anti-projeto quando por telegrama n. 146 de 7 de junho tive ordem de o fazer e remeter por telegrama os dados gerais e respectivo orçamento afim de ser autorisada imediatamente a construção caso fosse aprovado, para socorrer aos flagelados da seca, o que entretanto não aconteceu.

Os dados do ante projeto vão em anexo a esta memoria.

Terminados os estudos do local das barragens e do sangradouro e admitida a possibilidade da construção de um dos dois açudes, tratei de ligar os estudos feitos aos existentes, isto é, a topografia obtida pelo Snr. Engenheiro Guilherme Browne, tendo para isto recebido da Inspetoria o respectivo desenho,

Notei então que o levantamento feito pelo dito Engenheiro era insuficiente para a avaliação do volume da bacia nos dois casos por mim projetados, porque a ultima curva de nivel figurada na dita planta com a cota 15 representaria a curva 94 do novo estudo quando precisamos conhecer até a curva 100 que é a altura do coroamento da barragem no caso do açude maior. Verificando porem que a topografia só era deficiente nos primeiros 6 quilometros de bacia, sendo que daí por diante figuram curvas de nivel até 22 500 que corresponde a cota 101, 500 dos novos estudos, consultei a essa Inspeçtoria se deveria refazer o levantamento deste trecho tendo sido autorizado a fazel-o. De acordo com as ultimas instruções dessa Inspeçtoria corri a linha de levantamento da bacia estaqueando-a de 10 em 10 metros nivelando e contra nivelando-a. Como se tratava de um levantamento destinado a completar o que já se achava feito, julguei suficiente seccionar a linha de levantamento de 100 em 100 metros para evitar maior despesa. Mesmo assim apresentando a bacia grande largura, sendo que chega em certos pontos a quasi 4 quilometros e correndo todas as linhas parte pelo carnaubal, que em algum ponto é expesso, e o restante por dentro de caatinga fechada num terreno verdadeiramente adaptado de macambira, o serviço não poude ser executado com maior presteza ficando porem o serviço de campo terminado no dia 20 de outubro

Não tendo sido possivel obter, por não terem sido encontradas, as cadernetas do levantamento feito pelo Engenheiro Guilherme Browne, não me era possivel conhecer a cota exata do leito do rio na linha de estudo do mesmo Engenheiro, porem, por algumas notas em poder do Snr. Presidente da Intendencia de Mossoró, soube que a cota, no leito do rio era 4, 83 (preamar). De fato no desenho do Engenheiro Guilherme Browne vê-se que a curva cinco representa o leito do rio, e, não se encontrando nenhum R N ou piquete do dito alinhamento no leito do rio ao qual eu pudesse ligar, não me foi possivel conhecer o ponto exato do leito do rio que representasse a cota 4, 83.

Ligando porem a nova linha de estudo, a antiga levando o nivelamento até no leito do rio encontrei a cota 83, 58 que deve corresponder mais ou menos a dita cota 4, 83, despresando os 25 centimetros de diferença e assim a cota 84 do novo estudo corresponderia a cota 5 do antigo, sendo que justamente se nota que no desenho do Snr. Engenheiro Guilherme Browne a curva do leito do rio é a 5 e no novo [desenho é a 84,

Com os dados que tenho penso não ser possivel obter ligação mais exata.

SANGRADOURO

Afim de avaliar a largura a dar ao sangradouro, levan-

tei uma sessão de vazão do rio no mesmo local da linha de estudo da barragem por me parecer o ponto mais conveniente visto que o rio ali apresenta-se em dois canais mais ou menos regulares e obtive a cõta da maior enchente conhecida de acordo com as vestígios encontrados e indicações dadas por moradores antigos do local estudado. Os dados obtidos foram os seguintes:

Área de seção de vazão $w=460,10m^2$

Perimetro molhado $p=232m$

Cõta da maxima enchente conhecida, que foi a do inverno de 1917:88,08.

Declividade do rio tomada pela planta existente $I=0,0005$ por metro. Com estes dados calculando a vazão do rio pela formula adotada pela Inspetaria $Q=VW$ obtive o seguinte resultado:

$V=C \sqrt{R} I=28 \times 0,0315=0,8820$

$Q=0,8820 \times 460,10=405,808m^3$ por segundo.

A largura a dar ao sangradouro será pois:

$L=\frac{405,808}{1,8}=225,45$ ou sejam 230 metros.

Como porem no nosso caso o local presta-se a abertura de um sangradouro ainda maior sendo que o corte a faser é justamento em terra que deve ser empregada na construção da barragem, achei conveniente augmentar a largura do mesmo sangradouro para 300 metros visto que tal augmento não traz acrescimo de despesas.

Torna-se porem necessário proteger as extremidades da cada uma das barragens, no local do sangradouro com muros fundados em rocha e prolongados para jusante tanto quanto for necessário para impedir que as aguas despejadas pelo sangradouro possam voltar para o pé das barragens.

BACIA HIDROGRAFICA

Tendo sido o vale do Upanema estudada pelo Snr Eng. Guilherme Browne penso que essa Inspetoria já conhece os dados relativos a bacia hidrografica, por isso me limito a informar que o rio Upanema tem um curso a partir do local do açude até as cabeceiras de cerca de 27 léguas e recebe como afluentes da margem direita os seguintes riachos: Patú de fora, Riacho das portas, Riacho de Xique-xique, Riacho da cruz, Riacho da barra de Caiçara, Riacho do barro, Riacho fundo, Riacho das caraúbas, Riacho Chico Duarte; e da margem esquerda; Riacho do Telemaco, Riacho das almas, Riacho da gangorra, Riacho dos morcêgos, Riacho das pitombeiras, Riacho da Pedra Branca, Riacho do Silva, Riacho do Carnaúbal, Riacho de baixo, Riacho do Salgado, Riacho das Pombas, finalmente o Riacho do Inferno. Todos estes afluentes, me informaram, terem um curso que varia entre os 3 e 20 kilometros. Penso pois que não resta a menor duvida quanto a suficiencia da bacia hidrografica para encher o açude, caso seja constituido

BACIA HIDRAULICA

É esta formada pelo vale do rio Upanema. No caso de ser construído o açude a cota 97, isto é, o menor a represa, se estenderá a 18 kilometros de distancia com uma largura média de 1305 metros e no caso de ser construído o maior, isto é, a cota 100 a represa se estenderá a 27 kilometros com uma largura média de 1511 metros

Não possuindo aqui um planimetro para avaliar as areas em cada curva e cubar a bacia, só o poderia fazer levantando uma serie de perfis transversais cujas areas multiplicadas pelas distancias mederiam o volume, mas tratando-se de uma bacia de forma bastante irregular e de extensão consideravel, pois terá 27 kilometros rio acima seria este um trabalho muito demorado e assim julguei mais conveniente deixar que os volumes das bacias sejam avaliados no escritorio dessa Inspeçao que com o auxilio do planimetro o fará acilmente. Fazendo porem um calculo grosseiro baseado no media das larguras das bacias, seus complementos e na profundidade média teriamos o seguinte resultado: No caso do açude a cota 97 e sangradouro a 95 teriamos: $1305 \times 18 \text{ km} \times 4,50 = 105.750.000 \text{ m}^3$. No caso do açude a cota 100 e sangradouro a 98 teriamos: $1511 \times 27 \text{ km} \times 55 = 224.383.500 \text{ m}^3$.

A bacia é nas varzeas coberta de carnaúbal pertencentes a varios proprietarios mencionados na planta levantada pelo Snr. Eng. Guilherme Browne e nos terrenos altos é coberta de catinga, sendo indispensavel, no caso de construção sua roçagem.

Cumpr-me informar que quando enviei a essa Inspeçao os dados gerais, por telegrama, os volumes das bacias que então mencionei foram avaliados de acordo com as informaçoes que me foram dadas sobre a largura média da bacia que realmente parecia dever ser maior do que a que encontrei depois de completar o levantamento notando-se agora uma diferenca para menos muito sensivel, mesmo assim creio tratar-se de um açude grande cujo custo não é, relativamente elevado.

DADOS E INFORMAÇÕES GERAIS

O açude cujos estudos acabo de completar fica situado a 10 kilometros para S. W. da cidade de Mossoró, a qual está ligada pela estrada que vai de Mossoró ao Assú estrada esta que durante a estação seca é transitada também por automoveis. A cidade de Mossoró por sua vez é ligada por estrada de ferro ao Porto de Areia Branda de modo que o transporte dos materiais destinados a construção das obras será feito com relativa facilidade. A cultura da região em que fica situado o Açude se reduz ao algodão e a exploração dos carnaúbaes entretanto as terras uma

vez que irrigadas prestam se otimamente ao cultivo de todos os cereais e da cana de açúcar. A criação de gado, vacum, cavalari e caprino é bastante desenvolvida apesar dos grandes prejuizos que sofrem por ocasião das secas. A agua é obtida em cacimbas no leito do rio Upanema sendo de notar que estas dão agua abundante a 2 metros de profundidade, sendo considerada a melhor agua das que se encontram na zona em que se acha a cidade de Mossoró.

Mesmo nos anos de seca a agua das cacimbas conserva-se abundante. A construção deste açude justifica-se a meu ver pela necessidade principal de fornecer agua potavel a cidade de Mossoró cuja população já se eleva a cerca de 12.000 almas tendendo a progredir rapidamente e onde se luta sempre com a escassez e má qualidade das aguas consideradas potaveis, sendo que o abastecimento poderá ser feito com relativa facilidade uma vez que esteja construido o açude porquanto a diferença de nivel entre o local do açude e a cidade de Mossoró parece-me que permitirá com um simples encanamento conduzir o precioso líquido até a dita cidade.

Ao mesmo tempo poder-se-ia irrigar os terrenos a jusante das barragens, que se prestam a cultura dos cereais, cana de açúcar e algodão e cuja aréa avalio em cerca de 6.000 hetares. Para a irrigação dos terrenos penso que serão necessarias 2 galerias de descarga, uma em cada barragem e em cóta conveniente podendo ambas serem fundadas em rocha.

Pelo perfil longitudinal das barragens se vê que uma das galerias poderá ser colocada na Estaca 15 e outra na estaca 116 onde as sondagens demonstraram existir rocha.

Quanto a vegetação existente na bacia hidraulica é como já disse, nas varzeas a carnaúba e oiticica e nos altos a catinga composta de Jurema, pão branco, aroeira, imburana, catingueira, marmeleiro, joazeiro, marizeiro, etc. e grande quantidade de cardeiro, xique-xique e macambira.

A roçagem poderá ser executada pelo sistema das pequenas empreitadas com operarios o que torna este serviço menos dispendioso. Aqui os particulares costumam pagar cerca de 7 reis por m. 2

As carnaúbas em condições de serem aproveitadas para construção poderão ser vendidas em Mossoró ou no mesmo local da obra ou serem levadas em conta na ocasião da avaliação dos terrenos a desapropriar caso a Inspectoria prefira deixal-as aos respectivos proprietários.

Quanto aos materiais de construção que se encontram no local das obras são as seguinte: Pedra para alvenaria (rocha calcarea) que se encontra no local do Sangradouro nas ombeiras das barragens como se verifica das sondagens feitas. Areia existe em

abundancia no leito do Rio Upanema em camada de 3 a 4 metros de espessura.

Quanto aos tijolos informam os moradores, não ser facil obter no local do açude, entretanto parece-me que tal informação não tem grande fundamento porquanto encontrei no local das sondagens camada de barro apropriado ao fabrico do tijolo, que no caso de ser fabricado no local da obra poderá vir a custar cerca de 10\$000 o milheiro.

O Cimento necessario a construção das obras de alvenaria poderá ser obtido em barricas de 160 ou 180 quilos visto que seu transporte de Mossoró ao local da obra poderá ser feito em carros de boi.

Quanto ao material silico-argiloso para a construção das barragens de terra já disse onde poderá ser obtido quando tratei das barragens, sendo que parte dos materiais a serem retirados das cavas de fundação poderão ser aproveitados nas barragens pelo lodo de jusante

O salário dos Operarios nesta zona oscila entre 2\$000 e 3\$000 diarios.

SERVIÇOS EXECUTADOS

No estudo do local das barragens e sangradouro :

Alinhamentos (inclusive secões transversais)	79869,40m
Nivelamentos	79869,40m
Contra Nivelamento	6069,40m
Sandagens a alavanca e picarêta, (foros)	1,070

No Levantamento da Bacia hidraulica Alinhamento (inclusive secões transversais)

	129x182,80m
Nivelamento	129,82,80m
Contra nivelamento	6,000,00m

Os estudos iniciados, como já disse, no dia 19 de Maio de 1919 ficaram concluidos no dia 31 de Outubro do mesmo ano inclusive os serviços de escritorio

Terminando esta memoria cumpre-me faser ver que os orçamentos por mim apresentados para o ante-projeto, tendo ido organizados as pressas atendendo aos pedidos urgentes dessa Inspectoria, provavelmente pecam por exagerados e creio mesmo que uma vez que sejam organizados com mais minuciosidade, as importancias não se elevarão a tanto. Outro sim cumpre-me informar que tendo percorrido e examinado com mais atençaõ os terrenos a irrigar a jusante das barragens cheguei a conclusãõ que a aréa disponivel para tal fim será de cerca de 6 000 hetares e não 9.000 como informei em meu telegrama n. 52 de 26 de Julho do corrente ano

Não me tendo sido possivel naquela occasião percorrer toda a aréa irrigavel e baseando me nas informaçoẽs que me foram prestadas e por uma parte do vale por mim visto, avaliei então em

9.000 hectares porem agora que percorri todo o vale que se estende de 13 kilometros para jusante da barragem convenci-me de que a aréa irrigavel no vale do Upanema será de cerca de 4.000 hectares, que somados a mais cerca de 2.000 hectares que poderão ser irrigados no vale do rio Mossoró, perfazem um total de 6.000 hectares aproximadamente, entretanto somente mediante um levantamento dos terrenos poderá ser conhecida a aréa exata

O fato de ser possivel irrigar parte do vale do Rio Mossoró é devido a que a cerca de 10 kilometros para jusante das barragens, o alto chamado Mato do Meio que separa os dois vales do Mossoró e Upanema, baixa a tal ponto que pode dar passagem ao canal de irrigação para o vale do Mossoró.

No lugar denominado "Pescaria" que fica a cerca de 14 kilometros a jusante da barragem, no Rio Upanema, encontrei alguns poços dagua salgada, porem as terras em redor das mesmas não o são e nelas encontra-se a mesma vegetação que observei desde o local das barragens, tendo me informado moradores da zona que somente nas grandes secas é que tais aguas tornam-se salgadas; sendo porem completamente dôces nos anos de inverno. As marés maximas só chegam a 20 kilometros para jusante das barragens do açude estudado. Penso tambem que, mesmo na hipotese de só dispor-se de uma aréa de 6.000 hectares para a irrigação, é esta suficiente para justificar a construção de um reservatorio com a capacidade do que estudamos, devendo levar-se em consideração que o mesmo se destina tambem a abastecer a cidade de Mossoró de agua potavel, dependendo a mau ver principalmente deste benefício o progresso da dita cidade, visto que os demais meios experimentados não têm dado resultado satisfatorio.

De fato, tanto as cacimbas abertas em differences pontos, como os poços perfurados pela Inspetoria, só fornecem aguas fortemente calcarias prejudiciais a saúde. Nas epocas de sécas então as aguas potaveis são obtidas a distâncias enormes como seja de cacimbas no Rio Upanema e do Tibáu, sendo que este ultimo lugar dista de Mossoró 10 leguas custando uma carga de 80 litros d'agua de 8\$ a 10,00.

31 de Outubro de 1919.

Nos velhos jornais mossoroenses

VEÍCULOS

(Reproduzido do «O NORDESTE», de 21/4/1917)

Mossoró já conta 3 automoveis de passeio, 2 carros de luxo, 2 diligencias, 1 auto de passageiro, 1 de cargas, alem de um auto avariado. Esperam-se outros. São proprietarios destas viaturas os Srs Delfino Freire, Antonio Couto, Vicente da Mota & C., Dr. Almeida Castro, Miguel Faustino, Camilo Figueiredo, João Ferreira Leite e J. Gomes & C. de Limoeiro. O auto avariado, de otima feitura, pertence a Tertuliano Fernandes & C.

Para o transporte de mercadorias da cidade, desde a estação da Estrada de Ferro e outros pontos, ha muitas carroças de feitio moderno, que fizeram concorrencia aos antigos carros de boi.

Ainda assim, são poucos.

MOVIMENTO DA BIBLIOTECA E DO MUSEU NO MÊS DE OUTUBRO DE 1951

CONSULTAS		AQUISIÇÕES (doação)		
Livros		Rev., Bol.	Livros	Folhetos
0—Generalidades	247	—	—	—
1—Filosofia	8	—	—	—
2—Religião	5	—	—	—
3—Ciências Sociais	6	—	—	—
4—Filologia	14	—	—	—
5—Ciências Puras	9	—	—	—
6—Ciências Aplicadas	7	—	—	—
7—Belas Artes	2	—	—	—
8—Literatura	206	—	—	—
9—Historia e Geografia	45	—	—	—
	549			
Português	543	6 volumes em 30-9-51		5.568
Inglês	5	Aquisições em outubro		—
Francês	1	Total em 31-10-51		5.568
Volumes consultados a domicílio		555		

BIBLIOTECA INFANTIL	(Em 30-9-51)	194
	Aquisições em outubro	—
	Total em 31-10-1951	194

MOVIMENTO DOS LEITORES (de 1-10-1948 a 31-10-1951)

NACIONALIDADE	SEXO	IDADE	
2 551 brasileiros	1 378 homens	Maiores	1.676
4 holandeses	1 179 mulheres	Sec. Juvenil	881
1 português	2.557		2.557
1 americano			
2 557			

PROFISSÕES:— (As dez profissões que deram maior numero de leitores foram: 1 519 estudantes - 404 domesticas - 101 aux. do comercio - 57 comerciantes - 47 funcionarios publicos - 43 sapateiros - 33 professores - 30 operarios - 27 militares - 22 aux. de escritorio,

NUMERO DE LEITORES EM 30-9-1951	2 533
Inscrições em Outubro de 1951	24
	2 557
VISITAS AO MUSEU	40

Ligeiras considerações sobre o projeto de saneamento, elaborado pelo Engenheiro Saturnino de Brito Filho

Dr. Pedro CIARLINI

(Reproduzido do "BOLETIM MENSAL", do Rotary Club de Mossoró, de janeiro de 1948)

Somente agora me foi dado ler o Relatório apresentado ao Sr. Prefeito de Mossoró, pelo ilustre engenheiro Saturnino de Brito Filho, em 45, acompanhado do projeto e respectivo orçamento das obras de saneamento desta cidade. Neste relatório o Eng. Saturnino cuja competência em assunto de saneamento e urbanismo é conhecida em todo o País apresenta um estudo consciencioso da Topografia Sanitária, Geologia, Hidrologia, Clima, Salubridade, População, Planta, Expansão e Melhoramentos, baseado nos estudos por ele próprio procedidos e nos dados colhidos nos trabalhos de varios estudiosos e cientistas, referindo-se, quanto aos dados históricos, a «Mossoró» quanto a Geologia, aos estudos de Ralph H. Sopper, geo-hidrologo americano que, no dizer de Saturnino deixou-nos apanhados geniais sobre a geologia e hidrogeologia nordestinas decorrentes de um ano apenas de trabalhos e observações; e aos geólogos Roderic Crandall e Glycon de Paiva, sobre agua na formação de barreiras, chegando ao seguinte resultado relativamente aos recursos para o abastecimento de agua a esta cidade. Diz o Eng. Saturnino que a constituição geológica (pelo menos na parte explorada) a fisiografia e a meteorologia adicionam suas condições desfavoráveis para um abastecimento regular de agua. Passa, então, a estudar os recursos em aguas superficiais distantes, aguas proximas e aguas subterraneas profundas. Quanto às aguas superficiais distantes chega à conclusão de ser necessário o represamento, pelo que só se pode considerar como sendo de aguas distantes dado que os pontos suscetiveis de represar agua se encontram afastados de Mossoró. Vejamos quais foram os locais examinados: no RIO UPANEMA, TABOLEIRO GRANDE, conhecido tambem por CANTO DA LAGOA que, de todos é o mais próximo, distanciado apenas 12 km; BARBADINHA ou SANTANA, estudado pela Inspetoria mas não considerado aconselhável para barragem de acumulação; ESTREITO DO JACÚ, que não considerou aconselhável para este fim; POÇO VERDE: neste encontrou dois locais que podem se prestar a represamento, mas não os achou aconselháveis devido a distarem de Mossoró 40 km. A respeito deste local diz mais que, a montante do POÇO VERDE ha agua com certa pressão artesiana. A camada impermeavel que retém superiormente a agua, possui

o nome local de «salão» sendo constituído de barro duro, Perfurado este, a água sobe 11 palmos e é doce. Para baixo o rio cortou a Serra. Infelizmente grande é a distancia para a cidade. CARÃO: poderia fornecer água boa, mas, infelizmente, dista 54 km Neste local a água artesiana é jorrante 0,50 a 0,60 metros. Para sua captação precisar-se-ia realizar um estudo hidrologico especial A distancia e limitação do Volume impedem aproveitar esse recurso.

Barragem no «Barrinha». (Corrego afluente do Upanema) É local para pequeno açude que poderá ser construído como um subsidio para a captação de Taboleiro Grande. PASSAGEM-FUNDA as condições geológicas, tanto do local da barragem como da encosta esquerda não aconselham a construção. Açude APODÍ, fechando a Lagoa Apodí é obra de grande valor e a distancia a Mossoró é grande, cerca de 70 km. Os açudes SANTA CRUZ sobre o Rio Apodí e o açude RESIDENCIA sobre o Rio Umarí, também são obras caras e muito distantes de Mossoró. Açude APANHA PEIXE fechando a Lagoa do mesmo nome é também obra de grande vulto. A água do Apanha Peixe é de boa qualidade e poderia ser aduzida por gravidade, mas a distancia para Mossoró é aproximadamente a mesma da Lagoa do Apodí. AGUAS DO TIBAU são insuficientes para o abastecimento da Cidade, além de muito distantes. As águas superficiais próximas a Cidade são de curso temporario e não açudáveis, não sendo assim suscetíveis de utilização para a finalidade em vista. Só ficam praticamente disponíveis as que se conservam infiltradas no leito do Rio Mossoró e Varzea da Pasta, donde são atualmente tomadas em latas Quanto às águas profundas diz o Eng Saturnino que, na parte referente à hidrogeologia já foi examinado o comportamento das diversas formações geológicas no tocante ao suprimento da água Os poços profundos perfurados até o presente que são em numero de 83 no Rio Grande do Norte dão pouca água. A camada de calcareo estudada desde o Apodí ao Assú e sobre o qual repousa a Cidade de Mossoró apresenta diversas espessuras entre 30 e 50 metros e as águas que o atravessam por meio das fissuras até alcançar o arenito subjacente, são calcareas. No calcareo a água circula como em redes de condutos, uma perfuração que atingisse um destes, forneceria muita água, embora salobra. Também se refere ao interesse que reside em se alcançar o contato do arenito chamado do Assú por meio de um poço profundo. Além de investigar essas possibilidades solicitou a Inspeção de Secas perfurar um poço de grande profundidade excedendo as até agora praticadas em Mossoró Infelizmente, porem a sondagem iniciada teve de ser interrompida devido a uma enchente do rio ter ameaçado atingir a sonda, localizada nas suas proximidades O fato de ser salobra a água encontrada nada

significaria pois se procederia ao tratamento da mesma. O mal seria se obtivesse agua salgada. A precariedade dos recursos em agua conduz-nos a admitir o apelo à primeira destas reservas, aguas do leito do rio Mossoró para, combinadamente com uma das captações distantes (que neste caso, a meu ver seria o açude Taboleiro grande) auxiliar o suprimento da Cidade na estiagem ou pouco antes da mesma, afim de melhor conservar a acumulação agudada. Os elementos expostos fizeram o Eng. Saturnino desistir de obter do subsolo profundo o volume requerido para o abastecimento da Cidade. Diz ele ainda, que dos varios locais para barragens estudados escolheu, no Rio Upanema, o de Taboleiro Grande, chamado tambem Canto da Lagoa, e que é o açude cujos estudos foram requeridos em 1919 pelo então Prefeito Jeronimo Rosado. Aqui peço permissão para dizer algumas palavras a respeito desses estudos e tornar bem patentes os esforços empregados pelo Sr. Jeronimo Rosado, nessa epoca, secundados pelos seus amigos Manoel Cirilo dos Santos e Cel. Vicente Carlos Saboia Filho para resolver definitivamente o problema da agua em Mossoró. Já havia então conseguido a construção de 5 barragens submersiveis no Rio Mossoró como meio de reter as aguas que se infiltram no leito do rio e por ele se escoavam para o mar, e formar ao mesmo tempo pequenas represas que ainda hoje prestam inestimaveis serviços à população durante as estiagens, quando requereu a Inspeçtoria de Secas que mandasse efetuar alguns reparos inadiaveis e alguns melhoramentos nas ditas barragens. Foi então em Agosto de 1917 que eu, como funcionario da mesma Inspeçtoria recebi ordem de me transportar para Mossoró aonde deveria executar os serviços requeridos pelo Sr. Prefeito, construir outras barragens e efetuar reparos no açude Currais, em Angicos, que havia arrombado pelo sangradouro. Tive então a oportunidade de travar relações com o Sr. Jeronimo Rosado que procurou, desde logo, facilitar-me por todos os meios ao seu alcance o desempenho de minha missão, o que consegui plenamente. Fui testemunha dos esforços e da perseverança com que o meu illustre amigo, de saudosa memoria, procurou solucionar o mais importante problema para o futuro de Mossoró qual seja o abastecimento da agua à Cidade. Cidadão de larga visão já previa que Mossoró fadado a um desenvolvimento mais ou menos rapido dentro de poucos anos não teria agua suficiente para a sua população.

Naquela época, 1917, a população do Município de Mossoró, era cerca de 16 000 almas, sendo de cerca de 13.000 com residencia dentro do perimetro urbano e já se fazia sentir a escassez do precioso liquido. Como acontece ainda hoje, algumas familias abastadas possuíam cisternas para captação das aguas pluviais, outras bebiam agua da Varzea da Pasta mas a

população constituída pela classe proletaria tinha de se contentar com a agua represada no Rio Mossoró que alem de calcarea era e é ainda bacteriologicamente impura. As cacimbas que ainda hoje se encontram em várias casas forneciam aguas tão calcareas e duras que não se prestaram nem à lavagem de roupas e nem a cocção dos alimentos servindo muito mal para banho e asseio de sanitarias. Hoje a população da Cidade, dentro do perimetro urbano se eleva a cerca de 22 mil habitantes o que corresponde ao numero de casas que é de 3 400, e no entanto as fontes de abastecimento dagua, são quase as mesmas. Digo quase porque de fato foram realizados alguns melhoramentos quanto ao fornecimento de agua para fins industriais e depois do prolongamento da Estrada de Ferro até Caraúbas tornou-se possivel conseguir uma certa quantidade de agua potavel de otima qualidade obtida no poço profundo perfurado no Km. 101 para abastecimento às locomotivas e que a Companhia E. de F. de Mossoró e, agora, a Administração do Governo da União transporta em vagões tanques para esta cidade para ser vendida à população. A quantidade fornecida, porem mal chega para um numero reduzido de habitantes e nem seria de esperar mais pois a vazão do dito poço, embora considerada otima para as necessidades da Estrada de Ferro não pode ser suficiente para abastecer toda a população de Mossoró. Em 1918, o sr Jeronimo Rosado depois de ter obtido os reparos e aumentos das barragens denominadas da Cidade e de Barrocas conseguiu que a Inspetoria me autorizasse a estudar, projetar e construir mais uma barragem submersivel no local denominado «Pausinhos» aonde fora anteriormente construida uma de concreto e que, devido á insuficiencia de suas fundações, arrombara no ano seguinte a sua construção. Concluidos estes serviços, obteve que a Inspetoria me autorizasse a estudar e projetar uma ultima barragem submersivel no lugar denominado Pedrinhas até onde chegam as aguas das marés barragem esta que tinha por fim a separação das aguas doces do rio das aguas salgadas do mar formando assim mais uma represa dagua doce cuja extremidade chegaria até a barragem de Barrocas. Este projeto não foi mandado aproveitar pela Inspetoria sob pretexto de falta de verba, apezar de se tratar de uma despesa de apenas 21 mil cruzeiros. Então o sr. Jeronimo Rosado resolveu construí-la por conta da Prefeitura tendo pedido a minha assistencia técnica, que lhe prestei com a melhor boa vontade gratuitamente. E, assim, conseguiu com mais esta barragem completar o sistema de barragens submersiveis no Rio Mossoró tornando-o perene desde os Olhos Dagua de S. Sebastião até sua foz. Mas, para resolver definitivamente o magno problema de abastecimento dagua á Cidade, ele compreendia que o que estava feito não era suficiente pois que continuava a faltar

a verdadeira agua potavel Então não descansou enquanto não descobriu um local que lhe pareceu apresentar condições favoraveis á construção de um reservatorio de grande capacidade que viria fornecer agua potavel abundante e para os demais fins industriais, mesmo nos anos de secas anormais. Assim foi que obteve da Inspecoria de Secas que eu fosse encarregado de estudar o Açude Taboleiro Grande no Rio Upanema, denominado tambem Canto da Lagoa. Procedi de fato aos necessarios estudos completos inclusive sondagens minuciosas em toda faixa de terreno destinado á barragem e depois de organizar o respectivo projeto, tive a satisfação de reconhecer que o meu illustre amigo não se havia enganado quanto á indicação do local, pois era possível a construção de um reservatorio para 300 milhões de metros cubicos de agua com uma despesa relativamente insignificante em relação ao volume da represa. O orçamento importaria em cerca de 1.250,00 cruzeiros devendo ser acrescido de mais 200 mil cruzeiros para a desapropriação dos terrenos de bacia hidraulica e das benfeitorias nela existentes. Remetido á Inspecoria o projeto cujas condições tecnicas eu soube mais tarde de fonte segura, haviam sido aceitas, tivemos a surpresa de saber que a Inspecoria não aprovara definitivamente o projeto, sem explicar os motivos de tal resolução. Tempos depois, conversando eu com o Engenheiro José Alves de Souza que exercera o cargo de Inspecor das Obras Contra as Secas na epoca da apresentação do projeto, soube por ele que o Açude não havia sido construido pela Inspecoria, porque os principais proprietarios das terras da bacia hidraulica se empenharam na sentido de não ser aprovado, visto que alagaria suas terras de carnaubais e outras benfeitorias, naturalmente receiando que o preço da indenização fosse muito baixo e não correspondesse ao valor real da propriedade. Não desejo classificar o procedimento dos proprietarios que não trepidaram em prejudicar a população inteira da Cidade pelo receio infundado de algum prejuizo em sua terras particulares. Digo infundado, porque naquela epoca a carnaúba tinha pouco valor e não creio que com tantos anos de antecedencia estivessem prevendo a valorização atual. Tambem não sei como se deve interpretar o procedimento da Inspecoria de Secas atendendo tão levemente a pedidos de tal natureza sem prévio exame, porquanto em meu relatório lembro-me bem que fiz sentir que da construção deste açude dependia a vida e futuro de Mossoró e desde que suas condições tecnicas fossem consideradas aceitaveis, não podia deixar de ser construido. Entretanto não foi e perdeu-se assim a oportunidade de melhor dotar Mossoró de agua abundante para todos os fins e com pequena despesa. Soube mais tarde que no Governo de Epitacio Pessoa, o Jeronimo Rosado com a perseverança que lhe era peculiar fez novas tentativas para obter a Construção desse açude,

chegando mesmo a transportar-se para o Rio de Janeiro afim de se entender pessoalmente com o Sr. Presidente da Republica. Este porem empenhado em dotar a Paraiba, seu Estado natal, do maior numero de melhoramentos possiveis não concedeu verbas para esta construção, Se tivesse sido autorizada a construção naquela epoca, Mossoró já poderia ter realizado seu saneamento completo dispendendo a quinta parte do que será obrigado a dispendir, atualmente, notando se mais que então ter-se-ia conseguido um reservatorio para 300 milhões de metros cubicos, enquanto que agora somente poderão ser represados cerca de 23 milhões devido a ter sido construida a estrada de rodagem de Mossoró a Angicos, após os primitivos estudos de açude e que não permite elevar o nivel dagua a cota de projeto.

Terminando chegamos, pois, a conclusão seguinte :

O projeto do saneamento elaborado, somente poderá ser executado quando for construido o açude Taboleiro Grande, obra esta que deverá ser executada pelo D.N.O.C.S e por conta do Governo da União É preciso notar que o custo da rede de aguas e exgostos, inclusive a adutora, instalações para tratamento das aguas, filtros, caixas dagua, motores etc que em 1945 foi orçado em 23.407,415 cruzeiros, atualmente virá a custar cerca de 30 milhões de cruzeiros, porquanto, revendo os preços elementares adotados pelo Engenheiro Saturnino para organização do orçamento verifiquei que atualmente temos um aumento de cerca de 30%. Penso que semelhante despesa dependerá do auxilio dos Governos da União e do Estado mesmo que o projeto seja executado parceladamente, por Distritos, Entretanto lembramos que o Prefeito poderia talvez executar as obras necessarias á construção dos poços para obtenção da agua do sub-leito do rio Mossoró com as respectivas instalações para tratamento da agua, elevação e distribuição da mesma a alguns bairros da Cidade, mais necessitados, onde poderiam ser instalados chafarizes para serventia publica Quanto ao custo destes serviços não foi orçado pelo Engenheiro Saturnino que se limitou a dar indicação para o projeto, prevendo 15 poços de tubo de concreto em duas secções á margem esquerda do rio entre as pontes da Estrada de Ferro e a da Estrada para o Assú distanciados de 100 em 100 metros. Todos os detalhes de construção estão nos desenhos nos 3785,3786,3787, sendo possível assim organizar-se o respectivo orçamento, caso a Prefeitura deseje conhecer a quanto se elevará o custo destas obras e tentar sua execução, Ficaria assim executada uma parte do projeto elaborado por Saturnino de Brito que naturalmente seria aproveitado como obra auxiliar, quando algum dia fosse executado o projeto completo e já apresentaria um grande melhoramento para o abastecimento dagua, entretanto se o respectivo custo se verificar que é excessivo para os recursos da Prefeitura, poder-se-á cogitar

de outros meios mais economicos a exemplo dos já existentes. Terminando estas desprezenciosas considerações, faço votos para que a minha sugestão possa vir a servir para ao menos melhorar e ampliar o abastecimento dagua á população necessitada desta cidade.



DOIS HOMENS A SERVIÇO DE UM PROBLEMA

Vingt-un Rosado

Poucos dias depois de empossado no cargo de Prefeito de Mossoró, Dix-sept conversava com alguns amigos. E narrou o seguinte fato: "Eu era menino e me encontrava, certo dia, ao lado de papai, na frente de nossa casa, quando passa um amigo seu e lhe pergunta:

Então, Rosado, como vai o açude?

Respondeu papai: Vou construí-lo. E se não conseguir, um filho meu o fará." Achava-se Jeronimo Rosado empenhado na construção do Açude Canto da Lagôa, certo de que dava um passo decisivo para a solução do problema do abastecimento da água em Mossoró.

Estavamos em 1919 e o sertanejo cujo devotamento ao Nordeste surpreendera o americano Crandall lançava-se de corpo e alma em mais uma das suas grandes batalhas.

A Batalha da Água, com o Açude no Rio Upanema e com as barragens submersíveis no Rio Mossoró.

Proprietários reacionários ergueram suas vozes contra o interesse maior da Coletividade. E conseguiram que a Inspetoria não concretizasse os planos de Jeronimo Rosado, já aprovados por aquela Repartição Federal.

Dois anos após, viajando ao Rio, como emissário de Mossoró, para lutar por tantos dos seus anseios vitais, é ainda o Açude Canto da Lagôa um dos pontos visados, segundo depoimento do Dr. Pedro Ciarlini, no interessante trabalho neste "Boletim" publicado.

Venceram, então, os que defendiam a tese da supremacia dos interesses particulares sobre os direitos da comunidade, tão arduosamente defendidos por Jeronimo Rosado.

As palavras do pioneiro esclarecido ficaram, porém, gravadas no coração e no cérebro de uma criança de 8 anos.

Tantas das tarefas paternas, tantos dos seus sonhos tiveram nele o continuador e às vezes o realizador magnífico.

Se era admirável a verdadeira revolução que Dix-sept comandou no Governo de Mossoró, agitando tudo, fincando marcos na área toda do Município, solucionando ou encaminhando a solução dos seus problemas um havia que era a sua preocupação maior.

Dotar Mossoró de um abastecimento de água á altura de suas necessidades ele considerava uma questão de honra da sua vida pública.

General da grande batalha, quantās frentes de combate organizou, quantos impecilhos venceu, quanta gente de projeção convocou para a sua cruzada.

Haveria de lhe custar muito mais porem, o cumprimento daquela quasi ordem, que recebera, ainda crianca de 8 anos do seu pai.

Teria de lhe custar a propria vida, o seu devotamento pela sua amada Mossoró, pela sua Provincia querida.



A SERVIÇO DE MOSSORÓ

XIV

Fortaleza, 27 Dezembro 1910.

Benicio Filho — Mossoró

Aprovado 3.^a discussão Senado Estrada Mossoró São Francisco.

Regis.

—o—

Mossoró, 27 Dezembro 1910

Doutor Meira Sá — Natal

Estrada aprovada 3.^a discussão. Telegrafe urgencia seus amigos Camara aproveitar sessões duplas

Bento, Felipe, Rosado.

—o—

Mossoró, 27 Dezembro 1910

Doutor Antonio Oliveira

Via Western Rp 20 Casa forte — Rio

Projeto remetido Camara? A quem devemos telegrafar aproveitar ultimas sessões?

Rosado

—o—

Mossoró, 27 de Dezembro de 1910

P M 9 — Exmo. Senadores Ferreira Chaves, Tavares de Lira, Antonio Azeredo, Pinheiro Machado, Vitorino Monteiro, Severino Vieira, Pires Ferreira, Lauro Sodré, Rui Barbosa

R I O

Penhorados, agradecemos V. Excias. nome povo mosso-
roense e zona flagelada e pedimos fazer extensivo todo Senado
aprovação terceira discussão projeto da grande e proveitosa es-
trada ferro Mossoró Petrolina. Pedimos vosso valioso prestigio
junto Camara Deputados.

Saudações

Antonio Couto—Presidente Intendencia

Francisco Cavalcanti—Vice-Presidente

Vicente Mota—Intendente

Vicente Fernandes—Intendente

Jeronimo Rosado—Intendente

Luiz Colombo—Intendente

Felipe Guerra—Juiz de Direito

Rio, 27 de Dezembro de 1910

518/26 Senador Bias Forte

Ausente retido

Rio, 27 de Dezembro de 1910

518/26 Senador Euclides Malta

Ausente retido

Natal, 27 de Dezembro de 1910

Bento Praxedes, Felipe Guerra, Rosado

T m 3 — Mossoró

Parabens. Providenciei.

Meira

—o—

Rio, 27 de Dezembro de 1910

Antonio Couto · Presidente Intendencia—Oficial

Mossoró

Senado Aprovou hoje redação final projeto autorizando construção Estrada Mossoró São Francisco foi remetido Camara pedimos transmitir demais signatários.

Saudações

Lira, Chaves.

Documentos para a Historia

Atas das Sessões da Camara Municipal de Mossoró—7 a 10 de Janeiro de 1880

1.^a SESSÃO ORDINARIA DO DIA 7 DE JANEIRO DE 1880

Presidencia do Senhor Francisco Gurgel d'Oliveira

Aos sete dias do mês de Janeiro do ano do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil oitocentos e oitenta nesta cidade do Mossoró, no Paço da Camara Municipal, às 10 horas da manhã compareceu o Senhor Francisco Gurgel d'Oliveira—Presidente da Camara Municipal, e ai mandou proceder a chamada dos Vereadores, em virtude do que acharam-se presentes os Senhores Vereadores—Tenente Sebastião de Freitas Costa, Faustino Filgueira de Melo, Antonio Nunes de Medeiros, e os suplentes Capitão Targino Nogueira de Lucena e Francisco Antonio de Carvalho, deixando de comparecerem os Senhores Idalino Alves d'Oliveira e Antonio Ferreira Borges—Vereadores natos—que não comunicaram suas faltas, e nem mandaram excusas. No entanto o Senhor Presidente da Camara, vendo que havia numero legal, declarou aberta a Sessão:—

Foi lida, digo, passou-se os trabalhos abaixo declarados—

Aberta a sessão veio a meza uma Petição de Antonio Filgueira Secundes pedindo a esta Camara licença para continuar a ter aberto os açougues da casa do comercio no corrente exercicio.

Uma petição do Fiscal d'Areia Branca pedindo a Camara para lhe mandar pagar seus vencimentos desde que tomou posse e prestou juramento em Vinte de Julho de Mil Oitocentos e Setenta e Sete.

Uma Petição de Manoel Severiano d'Oliveira requerendo à Camara licença para estabelecer nesta Cidade uma Padaria.

Vieram a meza duas comunicações dos Vereadores Joaquim Etelvino Bezerra da Cunha e Alexandre Soares do Couto, que antecipadamente diziam não poderem comparecer a sessão por se acharem impossibilitados.

DELIBERAÇÃO

Foi concedido a Licença do Peticionario Filgueira: Bem como a Severiano, digo a Manuel Severiano d'Oliveira: enquanto a Petição do Fiscal de Areia Branca deste Municipio João Francisco de Mendonça a Camara resolveu não mandar pagar porque desde aquela data que alega o suplicante Fiscal ter sido nomeado, juramentado-se e entrado em posse do seu cargo não mais appareceu nesta Camara, quer pessoalmente, e quer por officio, senão hoje havendo receber dela seus vencimentos; no entanto que a satisfazer ao referido Fiscal o tornava responsavel pelas irregularidades ali havidas durante o tempo que tem occupado o referido lugar. Em vista, pois entendeu a Camara de demittir ao mesmo Fiscal a seu pedido.—E entrando em discussão as comunicações daqueles Vereadores resolveu a Camara os não multar, por atender que suas alegações eram justas.

E passando o Senhor Presidente e Vereadores a tomar conhecimento das faltas dos Vereadores Borges e Idalino declarou a Camara que ficavam multados cada um em quatro mil reis por cada dia de Sessão. E dada a hora o Senhor Presidente, suspendeu os trabalhos, e adiou a Sessão para o dia seguinte. Eu Cazimiro Jacome Cavalcanti—Secretário da Camara a escrevi,

Gurgel—Presidente

Freitas Costa, Carvalho.

Faustino Filgueira de Melo e Antonio Nunes Medeiros.

2.^a SESSÃO ORDINARIA DO DIA 8 DE JANEIRO DE 1880

Presidencia do Senhor Gurgel d'Oliveira

Aos oito dias do mês de Janeiro do Ano do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil oitocentos e oitenta, nesta cidade de Mossoró, no Paço da Camara Municipal, às dez horas da manhã ai compareceu o Senhor Presidente da Camara—Francisco Gurgel d'Oliveira, que mandando proceder a chamada dos Senhores Vereadores acharam-se presentes—Idalino Alves d'Oliveira, Tenente Sebastião de Freitas Costa, Tenente Antonio Nunes de Medeiros, Faustino Figueira de Melo e Francisco Antonio de Carvalho e vendo o Senhor Presidente que havia na casa numero de Vereadores suficiente para haver Sessão declarou aberta esta, e em seguida foi lida e aprovada a Ata anterior.

Aberta a Sessão o Senhor Vereador Idalino Alves d'Oliveira pedindo a palavra, e lhe sendo deferida, disse que pedia a Camara para lhe absolver da multa que tinha sofrido por não ter comparecido à Sessão do dia 7 do corrente mês, e esperava ser atendido porque a razão de semelhante falta foi estar bastante incomodado ainda do Escorbuto à boca, e que não tinha comunicado isto mesmo a Camara porque as horas que assim o devia fazer estava justamente tomando alguns paliativos. A Camara em peso, atendendo estas considerações, foi unanime em salvá-lo da Multa.

Veio a mesa uma comunicação do Vereador Alexandre de Souza Nogueira em que fazia a Camara ciente que não podia comparecer por se achar com pessoas de sua familia bastante incomodadas. A Camara ficou entendida, mandando arquivar sua comunicação.

Uma Petição de Teodoro José Pereira Tavares e o comerciante Romualdo Lopes Galvão—pedindo licença para continuar a ser aberto seu estabelecimento de Loja de Fazenda sito nesta cidade. Foi concedida

a referida licença. Uma de Manuel & Cia. comerciante nesta cidade, digo—Uma de Manuel Benicio & Cia. comerciante nesta cidade, pedindo licença a esta Camara para com estabelecimentos de fazendas em sua loja. Foi deferida na forma requerida —

Uma do comerciante Augencio Virgilio de Miranda Henrique, que pedia a esta Camara para continuar com seu estabelecimento de molhados, sito nesta Cidade.—

A Camara concedeu a requerida licença.

Uma de Leopoldo & Cia. pedindo a esta Camara para lhe conceder licença de continuar com seu estabelecimento de secos e molhados sito nesta cidade: Foi pela mesma Camara concedida a licença pedida.

Uma de Manuel Gomes Oliveira e Silva pedindo a Camara para lhe conceder licença de ter aberto e continuar com seu Botequim nesta cidade. A Camara concedeu a licença. Procedeu-se o balancete da receita e despesa desta Camara e é remetido.

Uma outra de Tomaz Celestino, Escrivão da Coletoria de Rendas Gerais pedindo a Camara licença para continuar com sua venda de secos e molhados sito nesta cidade—A Camara concedeu.

Foram em sessão de hoje juramentados—José Bento Pereira da Mota para o lugar de Fiscal do Distrito d'A Areia Branca deste Município, o qual entrou no Exercício do seu cargo; Joaquim Filgueira de Melo, sendo juramentado por procuração que apresentou seu constituido Pergentinio Agripino da Silveira para o lugar de Administrador do Cemiterio desta cidade, por nomeação do Senhor Presidente da Provincia, a qual nomeação esta Camara muito aprova, menos que fosse ela que propusesse o nomeado.

Foi entregue uma representação, ou como quer que seja um Abaixo assinado, por Manoel Leite d'Oliveira, Tomaz Celestino, Damião Cosmo das Neves, Manoel Pereira Junior e outros no sentido de pedir a esta Camara para que esta procurasse obstar a que

seu Agente Fiscal Laurentino Ibiapino da Silveira não cobre ou, não continue em cobranças de qualquer Imposto que seja extranho a seu officio.—A Camara tomou em consideração, mandando arquivar o Abaixo Assinado e dar certidão.

Um outro Abaixo Assinado por João Alves de Souza, Vicente Ferreira Souto, Manoel Pereira Junior pedindo a esta Camara para esta mandar edificar, ou melhormente construir um edificio proporcional a um matadouro de gados para o consumo desta cidade, visto como não há, sendo prejudicial a salubridade Publica a pratica de matar-se gado a esmo, assim como também pediam a Camara para lhes permitir d'ora por diante, esses marchantes cortarem a carne verde com os ossos, sujeitando-se eles a uma multa imposta por esta Municipalidade, no caso de transgressão de suas partes e se assim a Camara por sua sabedoria, resolvessc. ser-lhes fornecidos por esta Municipalidade os utensilios para o referido fim.

Em discussão a primeira parte do Abaixo Assinado—com relação a edificação do edificio propicio ao matadouro do gado—resolveu a Camara alertar por comunicação que lhes foi aos concessionarios Antonio Filgueira Secundes, José Alexandre Freire de Carvalho para porem quanto antes em pratica seus compromettimentos, quando tiraram o privilégio para a fatura do Comercio desta Cidade; acerca da casa que servisse para o fim de que trata o—Abaixo Assinado—e que quanto aos mais pontos do—Abaixo Assinado— a Camara tinha que pensar para deliberar com mais acerto, e mandou arquivar o referido Abaixo Assinado.

O Senhor Presidente propôs aos Senhores Vereadores que esta Camara sentia-se de uma grave necessidade de um cômodo para acautelar os papeis atinentes a seu Arquivo, pois que o existente era inteiramente insufficiente ao fim já dito. Em virtude disto a Camara votou que se mandasse fazer um armario suficiente, tendo este, ao menos dez palmos de altura

e conforme, a que em boa simetria, pedisse sua largura; ou latitude, e em consequencia se pozesse em Asta para quem mais cômodo no preço pozesse e para isto mandou o Senhor Presidente que neste sentido se afixasse Editais no lugar mais publico da cidade para que chegasse ao conhecimento dos pretendentes. Assim se cumpriu, ficando à porta, da Casa da Camara afixado o referido Edital.

E havendo sido pagos os Empregados da Camara cujos pagamentos referiam-se ao trimestre do primeiro de outubro ao fim de dezembro do ano de 1879 (mil oitocentos e setenta e nove), que passou, mandou a Camara copiar aqui a Pauta.

P A U T A

Ao secretario da Camara—Cazimiro Jácome Cavalcanti—um trimestre vencido de 1.º de outubro ao fim de dezembro de 1879—cem mil reis 100\$000.

Ao Fiscal desta Cidade—Laurentino Ibiapino da Silveira—um trimestre vencido de 1.º de outubro ao fim de dezembro de 1879—Cincoenta mil reis 50\$000.

Ao Porteiro da Camara, Inacio Francisco do Vale—um trimestre vencido do 1.º de outubro ao fim de Dezembro de 1879—Trinta mil reis—30\$000.

Dada a hora, o Senhor Presidente suspendeu os trabalhos e adiou a Sessão para o dia seguinte, e para constar mandou lavrar a presente Ata que assinam com os Vereadores. Eu Cazimiro Jácome Cavalcanti, Secretário da Camara a escrevi—:

Gurgel—Presidente

Freitas Costa, Carvalho, Oliveira, Filgueira Medeiros

3.ª SESSÃO ORDINARIA DO DIA 9 DE JANEIRO DE 1880.

Presidencia do Sr. Gurgel d'Oliveira.

Aos nove dias do mês de Janeiro do ano do Nascimento de Nossso Senhor Jesus Cristo de mil oitocentos e oitenta, nesta Cidade de Mossoró, no Paço

da Câmara Municipal, as dez horas da manhã, ai, compareceu o Senhor Presidente da Câmara Francisco Gurgel d'Oliveira, e mandando proceder a chamada dos Vereadores acharam-se presentes—os Senhores Tenente Sebastião de Freitas Costa, Tenente Antonio Nunes de Medeiros, Faustino Filgueira de Melo, Idalino Alves d'Oliveira e Francisco Antonio de Carvalho, e havendo numero o senhor Presidente declarou aberta a sessão, e em seguida foi lida e aprovada a ata anterior.

Expediente

Foram presentes as petições seguintes:

De Luiz Justino Gundinho, no sentido de abrir nesta cidade um botequim, e nele vender qualquer genero do Pais.—De Alexandre de Souza Rocha em sentido identico.—De João Francisco de Carvalho no sentido desta Câmara consentir que ele continue com sua venda de molhados e sêcos nesta cidade.—De Aug. Joaquim Nogueira da Costa, pedindo a Câmara licença para continuar com seu estabelecimento sito nesta Cidade.—De Oliveira Irmãos, requerendo a Câmara para continuar a ter aberto seu estabelecimento de fazendas e mais generos.—Uma outra petição de Oliveira Irmãos pedindo licença a Câmara para ter aberta sua Padaria sita nesta cidade. De Borges Irmão, pedindo a Câmara para continuar com sua loja de fazendas sita nesta cidade bem assim esclarecimento dado pela Câmara se precisava tirar licença para ter aberta na confrontação de sua loja uma venda de molhados.—As quais petições foram todas deferidas pela Câmara.

Foram presentes tambem as Petições seguintes dos comerciantes de Areia Branca deste Municipio: de João Telles do Vale, pedindo a Câmara licença para continuar com sua venda de molhados sita naquela povoação. De João Francisco de Borges, pedindo licença para ter aberto seu estabelecimento de fazendas e molhados sito ali naquela povoação. De Francisco Soares do Couto, pedindo a Câmara para continuar

com seu estabelecimento de fazendas, generos de estiva e molhados, ali na Areia Branca. De Preciliano Francisco de Mendonça, pedindo para continuar com sua casa de negocio aberta naquela povoação. A Camara concedeu as licenças requeridas nas petições acima dita.

Veio finalmente a mesa uma petição do comerciante Antero Frederico Borges de Miranda, pedindo que se lhe concedesse ter aberto e em continuação sua casa de molhados nesta cidade. A Camara concedeu a licença.

Foi recebido um officio do Juiz de Direito interino desta Comarca Manoel Hemeterio Raposo de Melo, dirigido a Camara, e firmado em nove do corrente mês de Janeiro do teor seguinte:

Mossoró, 9 de Janeiro de 1880.—Ilmos. Senhores.—Respondendo ao officio de V. Sas. datado de 27 do mês de dezembro findo, no qual pedem que informe se os roçados e açudes feitos por ordem da commissão de socorros são em terrenos devolutos ou de particulares, tenho a dizer que é publico e notorio pertencer os terrenos onde se edificam açudes e abriu-se roçados ao dominio nacional, e tanto exato que, durante todo serviço ninguem se opôs, sendo o mesmo administrado por homens da localidade, ou quem a muitos anos aqui residem, e apezar de a pouco tempo aqui residir em virtude da nomeação para exercer o lugar de Juiz Municipal e de orfãos deste Termo e Comarca, todavia, sei que todos os terrenos alem da legua da margem do Rio são devolutos. Deus guarde a Vv. Ss.—Senhores Presidente e Vereadores da Camara Municipal de Mossoró—O Juiz de Direito Interino e Encarregados dos Socorros.—Manoel Hemeterio Raposo de Melo—Fica arquivado o referido officio.

Em virtude que, digo em virtude do officio do referido Juiz de Direito—A Camara mandou responder o officio que abaixo vai copiado, e que assinou.

Paço da Camara Municipal da Cidade do Mos-

soró no dia de Janeiro de mil oitocentos e oitenta. Ilustríssimo Senhor—Acusando o recebimento do officio que Vossa Senhoria nos dirigiu com data de hoje, temos a declarar-lhe em resposta que esta Municipalidade, aceitando o oferecimento da Comissão de Socorros de que faz menção o seu citado officio, tomou a resolução de nomear provisoriamente um administrador para aquella obra e levar ao conhecimento do Exmo. Senhor Presidente da Provincia pedindo a sua approvação e instrução, caso appareça algum particular em cujo terreno possa estar encravado qualquer dessas obras. Deus Guarde a Vv. S. Senhor Doutor Manoel Hemeterio Raposo de Melo—Digno Juiz de Direito Interino e Administrador dos socorros nesta Cidade—Francisco Gurgel d'Oliveira—Presidente, Sebastião de Freitas Costa, Antonio Nunes de Medeiros, Faustino Filgueira, Idalino Alves d'Oliveira e Francisco Antonio de Carvalho.

E dada a hora o Senhor Presidente da Camara suspendeu os trabalhos, e adiou a Sessão para o dia seguinte. E para constar mandou lavrar a presente ata que assino com os Senhores Vereadores. Eu, Cazi-miro Jacome Cavalcanti, Secretario, a escrevi.

Gurgel—Presidente

Freitas Costa, Carvalho, Oliveira, Filgueira, Medeiros

4.^a SESSÃO ORDINARIA DO DIA 10 DE JANEIRO DE 1880

Presidencia do Senhor Gurgel d'Oliveira

Aos dez dias do mês de Janeiro do ano do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil oitocentos e oitenta nesta cidade do Mossoró, no Paço da Camara, às dez horas do dia aí compareceu o Senhor Presidente da Camara—Francisco Gurgel d'Oliveira, e mandou proceder a chamada dos Vereadores, que tinham feito parte da Camara no dia antecedente—achando-se presentes os Senhores Tenente Sebastião de Freitas Costa, Tenente Antonio Nunes de Medeiros,

Faustino Filgueira de Melo, Idalino Alves d'Oliveira e Francisco Antonio de Carvalho, e havendo número suficiente o Senhor Presidente declarou aberta a Sessão —mandando logo em seguida ler a ata anterior, que foi aprovada.

T R A B A L H O S —:

Foram submetidas a Camara as Petições seguintes sendo do comerciante estabelecido nesta cidade Francisco Tertuliano d'Albuquerque, pedindo a Camara que lhe concedesse licença de continuar com estabelecimento aberto, de fazendas e molhados. De João Severiano d'Oliveira negociante, pedindo a Camara licença para continuar com sua loja de fazendas sita nesta cidade. De Luiz Alves Pedroza Napoleão pedindo que esta Camara lhe concedesse a devida licença para continuar com seu estabelecimento aberto, onde vendia gêneros nacionais e estrangeiros.

De Lupicínio José de Moura, pedindo que esta Municipalidade lhe concedesse licença para continuar em Areia Branca com sua venda de molhados.

De Benjamim Gomes da Silva pedindo licença para ter aberto sua casa de negocio de venda nesta cidade.

De Joaquim de Oliveira Torres pedindo que se lhe concedesse licença afim de continuar com seu estabelecimento.

De Sebastião de Souza Bastos nas mesmas e identicas circumstancias, Digo, pedindo licença para continuar com sua padaria sita nesta cidade. De Laureano Angelo da Silva pedindo licença a Camara para continuar com seu estabelecimento em Areia Branca.

Do comerciante Francisco Antonio Martins de Miranda, pedindo a Camara para continuar com seus estabelecimentos de lojas de fazendas e molhados sitios nesta cidade. Uma do negociante Alexandre de Souza Nogueira pedindo licença para continuar com sua loja

de fazendas e secos sito nesta cidade. De João dos Reis Guilherme Filho pedindo que se lhe concedesse licença para ter aberto sua loja de fazendas. De Manoel Maria Vieira França, pedindo em cumprimento a lei, licença para continuar com seu estabelecimento de fazendas e molhados na rua do Duque de Caxias nesta cidade—e em virtude a Camara resolveu conceder todas as licenças por virem conforme ao Direito. E dada a hora o Senhor Presidente da Camara suspendeu a Sessão, adiando-a para o dia 12 do corrente mez de Janeiro, pela razão do dia 11 ser dia de Domingo. E para constar mandou lavrar a presente ata que assinou com os Vereadores. Eu, Cazimiro Jácome Cavalcanti—Secretário da Camara a escreví.

Gurgel—Presidente

Freitas Costa, Oliveira, Carvalho, Filgueira,
Medeiros.



ÍNDICE:

	Página
Ano IV	
Número 41	
31 de Outubro de 1951	
O que disseram da terra e da gente de Santa Luzia do Mossoró: Um Colegio faz 50 anos—Americo de Oliveira Costa	1
Memoria Justificativa dos Estudos do Açude «Canto da Lagoa», no Rio Upanema, Municipio de Mossoró, Estado do Rio G. do Norte—Dr. Pedro Ciarlini	8
Nos Velhos Jornais Mossoroenses — Veiculos—Redação do «O Nordeste»	16
Movimento da Biblioteca e do Museu no mês de Outubro de 1951	17
Ligeiras Considerações sobre o Projeto de saneamento, elaborado pelo engenheiro Saturnino de Brito Filho—Dr. Pedro Ciarlini	18
Dois Homens a Serviço de um Problema—Vingt-un Rosado	25
A Serviço de Mossoró, XIV	27
Documentos para a Historia—Atas das Sessões da Câmara Municipal de Mossoró—7 a 10 de Janeiro de 1880	29